

A Ilusão da Consignação: quando a **garantia estrutural** vira blind spot de risco

O crédito consignado tem uma das menores taxas de inadimplência do mercado. Mas a garantia de desconto em folha não elimina o risco: ela o desloca. E o desloca de formas específicas que só um re-scoring dinâmico consegue antecipar.

Resian

Todos os direitos reservados 2026

O crédito consignado é, tecnicamente, a operação mais segura da carteira de qualquer banco ou FIDC com mandato em pessoas físicas. A garantia é estrutural: o desconto acontece antes de o salário chegar ao trabalhador. A inadimplência agregada fica consistentemente entre 2% e 4%, enquanto outras linhas operam na casa dos dois dígitos. É por isso que toda conversa sobre consignado começa pela segurança. E é exatamente por isso que raramente termina pelo risco.

01

A Garantia Como Anestésico: o Que o Desconto em Folha Não Enxerga

Em crédito, toda garantia forte cria um incentivo perverso: reduzir o investimento em monitoramento. Se o pagamento é automático, se o devedor não precisa tomar uma ação ativa para honrar a parcela, a operação parece se gerir sozinha. E em grande parte do ciclo ela realmente se gere. O problema é que a garantia estrutural do consignado protege o fluxo de caixa de curto prazo, não o risco de crédito de longo prazo.

A distinção não é semântica. O score utilizado na originação capta a probabilidade de default do tomador para uma janela pequena após a concessão, com aquelas variáveis, naquele contexto macroeconômico. É um retrato fotográfico de um instante. A carteira, por sua vez, é um vídeo: evolui, migra, deteriora ou melhora ao longo do tempo. Usar o score de originação como proxy de risco corrente é como navegar com o mapa de uma cidade que já foi demolida.

A garantia estrutural do consignado não elimina o risco. Ela o desloca: do risco de pagamento pontual para o risco de desvinculação, superendividamento e seleção adversa por portabilidade. Esses vetores não aparecem no score do dia da originação.

Instituições que originaram carteiras de consignado entre 2021 e 2022, período de expansão acelerada do produto com taxas agressivas e critérios calibrados para um contexto de juros ainda comprimidos, hoje convivem com uma realidade que o book do score original não previa: a composição de risco dentro de cada faixa aprovada se alterou de forma assimétrica. Não porque o modelo era errado no dia da originação. Porque o risco migrou, e ninguém estava monitorando a migração.

02

Os Três Vetores de Migração de Risco no Consignado

O risco em carteiras de consignado não desaparece: migra por caminhos identificáveis, mensuráveis e, com os dados certos, antecipáveis. Há três vetores principais de deterioração que o score de originação estruturalmente ignora.

01

Desvinculação empregatícia

O desconto em folha pressupõe que o vínculo empregatício existe e permanece ativo. Mas servidores públicos são exonerados, servidores municipais perdem cargo em mudanças de gestão, trabalhadores de empresas privadas conveniadas são demitidos. Quando o vínculo se rompe, a garantia estrutural deixa de funcionar. A operação passa a depender de cobrança ativa sobre um tomador que, frequentemente, já estava no limite de comprometimento de renda antes da perda do emprego. Esse evento não está no score de originação porque, por definição, não existia no momento da aprovação.

02

Superendividamento progressivo

O consignado é, para muitos tomadores, o crédito mais barato disponível. Por isso é também o mais reutilizado. Quando um tomador quita ou refinancia repetidamente, usando crédito consignado para cobrir outras obrigações, o comprometimento real de renda cresce de forma que o score da operação original não reflete. Dívida em cartão, financiamento de veículo e operações de FGTS paralelas podem coexistir com uma parcela de consignado aparentemente saudável, até que o equilíbrio se rompe. O momento de ruptura é previsível, desde que alguém esteja monitorando as variáveis certas.

Seleção adversa por portabilidade

A portabilidade de crédito consignado produz um efeito indesejado para quem está do lado do cedente: os melhores tomadores são sistematicamente assediados por concorrentes com taxas menores. Quem porta é o bom pagador. Quem fica é o tomador que outros bancos não querem. Em carteiras com alta taxa de saída por portabilidade, a composição de risco que permanece é materialmente pior do que a composição original, sem que nenhuma operação individual tenha deteriorado de forma visível nos relatórios de inadimplência.

Os três vetores têm algo em comum: são processos graduais, não eventos discretos. Isso significa que produzem sinais antes do default, sinais que dados comportamentais e alternativos conseguem capturar com antecedência de semanas ou meses em relação ao primeiro atraso registrado no bureau.

Re-scoring Dinâmico: Atualizar a PD Antes que o Atraso Apareça no Extrato

O re-scoring dinâmico é a prática de recalcular a Probabilidade de Default (PD) de cada contrato em carteira de forma recorrente, tipicamente em ciclos mensais, usando variáveis que não existiam ou não eram relevantes no momento da originação. O objetivo não é corrigir o score original: é torná-lo irrelevante como proxy de risco corrente, substituindo-o por um score que reflete o tomador de hoje, não o tomador de dois ou três anos atrás.

As fontes de dado que alimentam o re-scoring dinâmico no consignado são mais acessíveis do que parecem. O Open Finance disponibiliza a movimentação de conta-corrente, saldo médio e padrão de gasto do tomador. Os bureaus de crédito emitem atualizações de score externo e nível de endividamento total em ciclos mensais. O próprio empregador, via convênio, comunica alterações de vínculo empregatício antes que elas se traduzam em falha de desconto. Dados de consulta por portabilidade, monitorados proativamente, indicam quando um concorrente está fazendo proposta ativa para o tomador.

D+30

Antecipação média de sinal de deterioração com scoring comportamental versus o primeiro atraso registrado

3x

Diferença típica de taxa de recuperação: acionamento em D+30 versus D+90 em consignado sem vínculo ativo

15–20%

Fração de uma carteira de consignado que migra de bucket de risco nos primeiros 18 meses após originação

O shadow rating organiza esse processo de forma operacionalizável. Em vez de depender exclusivamente do score externo do bureau, a instituição mantém um rating interno de cada tomador, atualizado com a cadência das variáveis mais relevantes para aquela carteira específica. Quando o shadow rating diverge do score de originação, o delta entre os dois é o sinal de alerta. Quanto mais cedo esse delta é capturado, maior o leque

de ações disponíveis: renegociação preventiva, oferta de portabilidade dirigida, bloqueio de novo refinanciamento, ou simplesmente provisão adicional antes que o regulatório exija.

A análise de safra é a ferramenta complementar indispensável. Ela permite decompor o comportamento da carteira por cohorte de originação, separando o que é ruído de ciclo econômico do que é sinal de deterioração estrutural de uma safra específica. Uma safra que performa abaixo das demais não é apenas um problema de PDD: é informação sobre qual política de crédito, qual momento de mercado e quais segmentos de tomadores concentram risco desproporcional. Sem análise de safra, o gestor não sabe o que está corrigindo.

04

O Custo do Retrovisor: o Que Acontece com o ROE Quando Ninguém Está Monitorando

A objeção mais comum ao investimento em monitoramento dinâmico é o custo: construir ou contratar infraestrutura de re-scoring, integrar com bureaus, processar dados comportamentais mensalmente. O cálculo correto, porém, não é o custo do monitoramento versus zero. É o custo do monitoramento versus o custo da ausência de monitoramento.

Em consignado, o timing de detecção de deterioração tem impacto direto sobre três variáveis de resultado. A primeira é o custo de provisão: um contrato reclassificado na categoria correta de risco 60 dias antes do atraso gera provisão incremental e planejada; classificado apenas no momento do atraso, gera impacto abrupto no resultado do período. A segunda é a taxa de recuperação: tomadores sem vínculo ativo, quando acionados de forma preventiva, têm taxa de recuperação materialmente superior aos acionados apenas após a falha de desconto, porque ainda há margem de negociação antes que outras obrigações se acumulem. A terceira é o custo de captação: carteiras com qualidade de risco monitorada e documentada negociam melhores condições em FIDCs e CRIs, porque o gestor do fundo consegue auditar o processo de originação e monitoramento, não apenas os números de inadimplência agregada.

O ROE de uma operação de consignado bem monitorada não é apenas maior no papel. É mais estável no tempo, porque o ciclo de deterioração não chega como surpresa: chega como dado, com tempo suficiente para decisão.

Há um argumento regulatório crescente que reforça a questão econômica. A Resolução CMN 4.557 já exige que instituições financeiras de médio e grande porte mantenham estruturas de gerenciamento de riscos com monitoramento contínuo de carteiras. A convergência progressiva para IFRS 9, com sua lógica de provisão prospectiva baseada em perda esperada, tornará o re-scoring dinâmico não apenas uma boa prática, mas um requisito operacional. Quem construir essa capacidade antes da exigência regulatória terá a curva de aprendizado paga pelo ganho competitivo, não pelo custo de compliance.

Conclusão: o Consignado Não É uma Commodity de Segurança

O crédito consignado é uma commodity de garantia estrutural. Não de segurança analítica. A distinção tem consequências práticas: operações que tratam as duas coisas como equivalentes tendem a investir menos em política de crédito, menos em monitoramento de carteira e menos em capacidade de antecipação de risco, exatamente porque a garantia parece substituir o rigor analítico.

O risco não desaparece com a consignação. Ele se reorganiza em formas que o score de originação não foi desenhado para capturar: perda de vínculo empregatício, superendividamento progressivo e seleção adversa por portabilidade. Cada um desses vetores é mensurável, cada um produz sinais antes do primeiro atraso, e cada um pode ser antecipado por um modelo de re-scoring dinâmico bem calibrado.

A pergunta que cada gestor de carteira de consignado deveria se fazer não é qual a taxa de inadimplência de hoje. É qual a Probabilidade de Default do tomador de hoje, atualizada com as informações de hoje. A diferença entre as duas perguntas é a diferença entre gerir uma carteira e monitorá-la.

FONTES E REFERÊNCIAS

1. Banco Central do Brasil. *Nota de Crédito: Evolução do Crédito Consignado no Brasil*. Disponível em: bcb.gov.br/publicacoes/notacredito
2. Banco Central do Brasil. *Resolução CMN 4.557/2017: Estrutura de Gerenciamento de Riscos e de Capital*. Disponível em: bcb.gov.br
3. Banco Central do Brasil. *Open Finance Brasil: dados comportamentais e transacionais disponíveis para instituições participantes*. Disponível em: bcb.gov.br/estabilidadefinanceira/openfinance
4. Banco Central do Brasil. *Portabilidade de Crédito: regras, volume e evolução das operações*. Disponível em: bcb.gov.br/estabilidadefinanceira/portabilidadedecredito
5. International Accounting Standards Board. *IFRS 9: Instrumentos Financeiros — Modelo de Perda de Crédito Esperada (ECL)*. Disponível em: ifrs.org
6. Febraban. *Pesquisa de Tecnologia Bancária 2025: uso de dados comportamentais e modelos preditivos em concessão e monitoramento de crédito*. Disponível em: febraban.org.br

"Resiliência analítica forjada nas maiores instituições financeiras do Brasil."